

EDUCAÇÃO POPULAR EM SAÚDE: A CONSTRUÇÃO DE RELAÇÕES DIALÓGICAS ENTRE PORTADORES DE DIABETES MELLITUS E PROFISSIONAIS DA ÁREA

DAMASCENO, Cleide Ferreira – UFC

GT: Educação Popular / n.06

Agência Financiadora: FUNCAP

INTRODUÇÃO

O meu interesse pelo trabalho com educação dos portadores de Diabetes Mellitus (DM) vem, desde 1987, quando iniciei contatos com os mesmos, numa Unidade de Atenção primária de Saúde. Durante essa convivência de dezesseis anos com diabéticos, tenho constatado que seus conhecimentos sobre a doença e o tratamento são insuficientes e confusos. Há também uma desmotivação no que diz respeito ao seu próprio estado de vida, o que dificulta a internalização de orientações e informações necessárias para o seu melhor viver. Essa situação acaba por comprometer a qualidade de vida e a sobrevida dos DM levando-os a complicações crônicas e intercorrências clínicas.

Refletindo sobre essa situação e sobre a prática das atividades educativas realizadas no atendimento, tanto individual como em grupo, percebia, grande limitação nas relações dialógicas entre os diabéticos e os profissionais da saúde. Sentia a educação verticalizada – o profissional da saúde assume uma postura de detentor do saber repassando-o para os portadores de DM, meros depositários do que foi transmitido. As limitações ou a ausência do diálogo, portanto, pode ser um dos fatores determinantes dos indicativos de controle da saúde dos diabéticos, cujos resultados retratam uma série de complicações, tais como: retinopatia, amputação de membros e nefropatia.

A realidade desses fatos e informações evidencia a necessidade de um trabalho de maior profundidade no que diz respeito à educação dos portadores de DM na relação com os profissionais da saúde, numa abordagem que considere as pessoas envolvidas no tratamento, como sujeitos do processo. É necessário que os profissionais dêem importância ao relacionamento social com os diabéticos, através da troca de idéias e informações, e aos seus conhecimentos prévios. Além disso, que lancem mão da reflexão sobre temas que envolvem o tratamento para o controle adequado da DM, utilizando

técnicas e dinâmicas grupais, vídeos, dramatização, dentre outras. Dessa forma, para desenvolver o estudo, utilizei uma abordagem metodológica com intervenção participativa, através de círculos de cultura, instrumentos capazes de responder aos objetivos propostos. Optei por este tipo de metodologia, pois estava convencida à luz das idéias de Freire (1979, 1987, 2001), da importância do despertar para o diálogo e a participação como ato de criação e recriação.

A pesquisa teve como objetivos específicos: identificar as condições externas e internas que interferem nas relações dialógicas entre portadores de DM e profissionais de saúde; situar os indicadores que levam o portador de DM à inaceitação das mudanças de hábitos de vida; analisar através da intervenção participativa as contribuições dos sujeitos que podem ser incorporadas às estratégias de ação; detectar as mudanças de atitudes do DM, a partir das práticas vivenciadas na intervenção participativa.

Neste texto apresento logo após a introdução, o primeiro item intitulado caminhando junto na metodologia da pesquisa, que mostra o caminho da pesquisa que foi traçado junto com portadores de DM2 onde ..selecionamos .. os processos pedagógicos relativos ao aprendizado para o seu auto-cuidado. O item seguinte, vivenciando um método de aprender, apresento os treze temas dos círculos de cultura e depoimentos dos sujeitos, para no terceiro item intitulado analisando as vozes dos sujeitos, interpretar algumas das falas. Por fim, nas considerações finais os resultados da pesquisa apontam para mudanças significativas de hábitos, costumes e posturas no cotidiano de suas vidas, o que reafirma que a abordagem e métodos pedagógicos na prática profissional, são importantes no relacionamento com os portadores de DM2.

1. O CAMINHO METODOLÓGICO

Na perspectiva dos objetivos propostos, tornou-se relevante para mim investigar, procedimentos metodológicos que se adequem a um trabalho de Educação com portadores de Diabetes Mellitus (DM), no sentido de facilitar sua compreensão e conscientização. Propus-me a uma intervenção participativa utilizando como metodologia de trabalho, Círculos de Cultura (Freire, 1978) e a Intervenção Participativa dos Atores (INPA) (FURTADO DE SOUZA & FURTADO,2000), cujo cerne reside nos princípios da

Concepção Metodológica Dialética da Educação Popular e no trabalho participativo com a comunidade onde estão os sujeitos..

A escolha de tal abordagem proporcionou maior conhecimento da realidade do grupo, condição indispensável para sua transformação. Portanto, minha opção pela pesquisa participante permitiu uma intervenção na realidade.

De acordo com Fals Borda (1988, p. 43), esse tipo de estudo

[...] responde especialmente às necessidades de populações [...], mais carentes nas estruturas sociais contemporâneas – levando em conta suas aspirações e potencialidades de conhecer e agir. É a metodologia que procura incentivar o desenvolvimento autônomo (auto confiante) a partir das bases e uma relativa independência do exterior.

Essa modalidade de pesquisa caracteriza-se pelo envolvimento dos pesquisadores e dos pesquisados no processo, de modo cooperativo ou participativo (GIL, 1991). Uma abordagem participativa demanda considerável reorientação de atitudes e prática de educação, favorecendo aos participantes descobrir problemas e tentar resolvê-los, aumentando, assim, a própria consciência da realidade concreta mais imediata e da realidade social mais ampla.

Assim, busquei junto com os sujeitos construir os processos pedagógicos relativos ao aprendizado nos portadores de DM2 para o seu auto-cuidado. Posso dizer que procurei na metodologia pôr em prática os ensinamentos de Freire apud Brandão, (1984, p. 27), quando diz que [...] “o método aponta regras de fazer, mas em coisa alguma ele deve impor formas únicas, formas sobre como fazer De uma situação para outra, de um tempo para outro, sempre é possível criar sobre o método, inovar instrumentos e procedimentos de trabalho”.

A discussão com base no cotidiano de vida dos portadores de DM2 e de sua própria linguagem foi aprofundada, permitindo, desta forma, que os participantes dos círculos expandissem o seu saber. Para melhor explicitação, considere significativo que eles retratassem com suas próprias falas a realidade vivenciada.

Alguns depoimentos a seguir ilustram essa situação:

[...] cada vez que a gente vem aprende uma coisa a mais né, que esse lavamento de pé fio ótimo, que a gente já sabia, mais uma orientação melhor, a gente aprende melhor e aceita mais (AUGUSTO, 76 anos, aposentado).

[...] quase não reconhece a doença que a gente tem, através desta pesquisa de reunião de grupo outras idéias a gente vai se conscientizando o que a gente sente, qual é o melhor tratamento ou orientar alguém que tem esse mesmo problema com a gente né, é isso aí, é uma boa idéia participar de um grupo (VALDEMIR, 47 anos, desempregado)

Essas falas justificam a importância de uma prática educativa na qual a intervenção participativa favoreça o processo de conscientização, expansão do saber e tomada de decisões, através da socialização de saberes e da reflexão.

Os fundamentos do delineamento desse estudo têm suas raízes primeiras nas abordagens e nos métodos que receberam influência do pensamento de Freire (1979, 1981), a partir da sua *Pedagogia do Oprimido*. Essa obra foi decisiva para a prática e a experiência de “Conscientização” e “Participação” na América Latina, na Educação de Adultos e na Educação Popular (FURTADO, 2000).

Como base empírica situam-se as experiências vivenciadas pelos portadores de DM2, suas angústias, medos, dificuldades e tabus, trabalhados de modo cooperativo e participativo, através de temas geradores, identificados pelas pessoas envolvidas, sujeitos da intervenção.

Segundo Freire (2001, p. 87): “o momento deste buscar é o que inaugura o diálogo da educação como prática de liberdade. É o momento em que se realiza a investigação do que chamamos de Universo Temático do povo ou o conjunto de seus Temas Geradores”.

As falas seguintes de alguns sujeitos da pesquisa confirmam o diálogo como prática de liberdade.

[...] me sinto feliz em tá aqui entre vocês, nós todos juntos aqui, um grupo amigo, [...] nos encontrando muitas vezes na caminhada né, a gente se encontra [...] a gente se sente até feliz, já faz parte assim como se fosse uma família, é uma Comunidade, e nós estamos bem com isso (LUÍS, 70 anos, aposentado).

[...] eu tô muito satisfeita, os amigos todos que encontrei aqui e já tô com saudade que já vai se acabar né, [...] é uma tarde ocupada na gente, porque em casa a gente não faz nada, então é um prazer, aprendi muita coisa, porque a gente se sente até retraída por causa da diabete né, agora me deu uma força [...], porque eu era triste, era capionga pelos cantos por causa

dessa diabete. Hoje, eu sou feliz, graças a Deus (CREUZA, 56 anos, doméstica).

A principal característica desse grupo é a participação em todos os momentos do diálogo, que é o seu único método de estudo nos círculos. É de cultura, porque, muito mais do que o aprendizado individual, os círculos produzem também modos próprios e novos, solidários e coletivos de pensar.

As falas seguintes comprovam esta outra maneira de despertar para a conscientização e expansão dos saberes.

[...] foi muito importante pelo seguinte porque aí despertou a muitos, agora eu digo como o outro, os gulosos de comer, exagero disso, exagero daquilo, então aconteceu hoje o seguinte que hoje aquele que tiver que pensar bem e se cuidar e Ter cuidado na saúde [...], eu portanto me sinto bastante satisfeito, foi um despertar para nós todos (JOÃO, 76 anos, aposentado).

[...] quando eu chego em casa a minha família pergunta o que passou, o que aconteceu, então eu vou dar uma explicação o que foi que passou, falamos sobre [...] diabetes, hipertenso essa coisa toda [...], eu cá pra mim [...] bom para mim e todos companheiro ou vir [...] é muito melhor do que tá lendo sozinho (AUGUSTA, 76 anos, aposentada).

Assim sendo, o grupo de portadores de DM2 e todos juntos aprenderam, de fase em fase, de tema em tema, que aquilo que constroem é uma outra maneira de compreender a *Diabetes* e sua condição de portador, através da força criadora do diálogo e do despertar das consciências, com as experiências vividas nos encontros – círculos de cultura.

Segundo Freire (1980, p. 47-48), “é preciso conduzir os adultos a conscientizar-se primeiro, para que [...] sua condição de pessoa e, portanto, de sujeito – converta-se para ele em caminho de opção. Neste momento, o homem se politizará a si mesmo”.

Dentre as muitas falas dos sujeitos da pesquisa, essa reforça a citação acima.

[...] É o seguinte, muita gente acha que viver é só o comer é que resolve, não é isso, a gente pode levar a vida melhor curtindo um som, curtindo uma praia, curtindo assim um passeio, isso tudo faz a gente esquecer assim mais um pouco essa diabete que a gente tem né, a vida a gente viver, a gente viver em paz com as pessoas não é, isso aí é melhor (CREUZA, 56 anos, doméstica).

Ao refletir sobre essa fala, percebe-se que, o sujeito aprofundou a consciência de sua problemática real e buscou meios de enfrentar a situação, para viver melhor.

Os sujeitos que participaram da pesquisa são portadores de DM2, mulheres e homens, com idade entre 47 e 76 anos.

Na busca de coletar dados, foram priorizados dois momentos: no primeiro, um levantamento dos prontuários, no arquivo do Programa de Controle da Diabetes e Hipertensão, para identificação de dados primários e secundários, utilizando esses documentos na complementação de outras informações. Em seguida, selecionei cinquenta (50) prontuários de portadores de DM2, através, de critérios pré estabelecidos no projeto: ser diabético adulto (DM2); estar inscrito há dois anos ou mais no Programa de Controle da Diabetes desta unidade; e residir no bairro onde se localiza o Centro de Saúde, facilitando o deslocamento dos participantes.

No segundo momento, realizei trinta (30) visitas domiciliares, para obter as informações necessárias ao estudo. As visitas, além de fornecerem as observações do cotidiano de vida *in loco*, permitiram a realização das entrevistas coletivas com as famílias, que me forneceram mais informações, enriquecendo as situações de vida e, também, permitindo o levantamento dos universos da fala ou vocabular e temático.

Por ocasião das visitas, ficou agendada a data do primeiro Círculo.

Os portadores de DM2 encontraram nos círculos de cultura novos saberes que favoreceram a prática de um melhor auto-cuidado.

As falas transcritas a seguir comprovam a validade desse método:

[...] os amigos que aqui se encontra, tô muito satisfeito [...], são as pessoas muito ótimas graças a Deus, somos irmãos [...], quase tudo somos vizinho, aquela ali mora quase na minha rua, essa daqui eu já conheço [...], o Joabe eu não conhecia e agora tô conhecendo e a gente vai tocando, em nome de Jesus (LUÍS, 70 anos, aposentado).

[...] vendo e ouvindo principalmente essas coisas que a gente não conhecia passamos a conhecer pra acordar melhor e se cuidar melhor [...], tem sido muito importante pra nós todos, pra quem quer aproveitar e quem não quiser (JOÃO, 76 anos, aposentado).

Foi através das visitas domiciliares e da vivência nos círculos de cultura que percebi o quanto o viver dos portadores de DM2 é regado a limites, desconhecimento e pouca compreensão da Diabetes, mas é também regado, de esperança e persistência na vontade de ter saúde e viver melhor. Com palavras originadas de seus costumes, crenças e esperanças passaram a construir um saber participativo.

2. VIVENCIANDO UM MÉTODO DE APRENDER

A busca de procedimentos metodológicos, através da intervenção participativa, deu-se a partir de um rigoroso trabalho de participação com os portadores de DM2, nos círculos de cultura. Sob o olhar de uma concepção popular de educação de Paulo Freire, na qual o diálogo e a participação constituem princípios de seu método, que é muito mais um método de aprender, de conhecer do que de ensinar. (BRANDÃO, 1985).

A proposta de Freire parte do estudo da realidade, o que na pesquisa correspondia à fala do portador de DM2 e da organização de dados trabalho do animador-pesquisador. Nesse processo (círculos de cultura) surgem temas geradores, extraídos da problematização da prática de vida dos diabéticos. Cada pessoa do grupo envolvida nessa ação pedagógica dispõe em si própria de alguns conteúdos, ainda que de forma insuficiente, conteúdos estes necessários para iniciar o processo. O mais importante não era transmitir conteúdos específicos, mas despertar uma nova forma de relação com a experiência vivida.

É nessa perspectiva que se situa a educação: aprender a notar a presença do outro e respeitar seu saber, na busca de uma complementação. O educador deve promover o crescimento da pessoa, dando-lhe oportunidade de ser ela mesma. Para tanto, faz-se indispensável que os educadores em saúde conheçam a realidade, a visão de mundo e as expectativas de cada sujeito, a fim de que possam priorizar as necessidades dos diabéticos e não somente as exigências terapêuticas.

Buscando, através dos círculos de cultura, investigar procedimentos metodológicos que se adequem a um trabalho de educação com portador de DM2, foram realizados treze (13) encontros, um a cada terça-feira, sempre no turno da tarde, das 14 às 16 horas, e com frequência de comparecimento entre 17 e 20 participantes.

Por ocasião dos debates ou discussões foram surgindo, identificados e trabalhado os temas:

- 1º Círculo – Apresentação dos participantes do grupo (retrato do grupo)
- 2º Círculo – Conhecendo a Diabetes (filme “Super Mellitus da Silva)
- 3º Círculo – A saúde do pé do portador de DM2 (O Lava-pés)
- 4º Círculo – O olhar despertando sentimentos e emoções (foto linguagem/alfabetização do olhar)
- 5º Círculo – A vida é viver (ouvir e refletir)
- 6º Círculo – Alimentação dos portadores de DM2 (relógio alimentar)
- 7º Círculo – Hábitos alimentares saudáveis no portador de DM2 (Construindo um Cardápio)
- 8º Círculo – Análise avaliativa (“votação” ou “plebiscito”)
- 9º Círculo – “Aprendendo a prevenir e controlar a hipertensão”
- 10º Círculo – “Convivendo com o seu diabetes” – aprendendo conceitos (hiperglicemia, hipoglicemia e valores normais de glicose).
- 11º Círculo – Avaliação de resultados dos níveis de glicose do grupo – usando os conceitos aprendidos.
- 12º Círculo – “Uma análise reflexiva” (Leitura da fala do encontro anterior)
- 13º Círculo – “A importância do Construir Juntos” (compromisso com o grupo e consigo mesmo)

Durante o acontecer dos Círculos vários participantes expressaram nas falas o seu processo de entendimento no participar das situações.

[]uma andorinha sozinha não faz verão (AUGUSTO, 70 anos, aposentado).

[...], o amor é abstrato, quero dizer é envolto, se sente mais não se ver, no tamanho a cor é um vulto, o qual se toma forçoso e se impera absoluto. O amor quando impera [...], não tem obstáculo nem a força do mal, [...], enfrenta qualquer rival (GABRIEL, 71 anos, aposentado).

[...] agora existe uma coisa também que é preciso a gente se amar, se amar a si mesmo, Ter cuidado com a higiene e tudo enfim que for possível, bom pro diabético [...] (LURDES, 74 anos, aposentada)

[...] é a limpeza, é o asseio, trazer as unhas bem cortadas, [...], olhar entre os dedinhos, fazer exercício, roupinha limpa depois do banho (LÚCIA, 52 anos, doméstica).

[...] no café da manhã eu me sentava chegava a comer 4 a 5 bananas grandes, era 2 pães um copo de café com leite entendeu. [...] agora mudou, quando chega a hora do café eu vejo que vou exagerar, aí eu lembro dos conselhos e tudo (JOÃO, 76 anos, aposentado).

[...] é trouxe muita luz para todos saberem como se alimentarem e porque a alimentação mal feita, a pessoa pensa que se alimentou e se prejudicou, [...] a alimentação tem fundamento para a nossa vida, e nós vamos viver mais (GABRIEL, 71 anos, aposentado).

[...] nos comemos cenoura [...], come cozida na carne, eu não gosto ralada crua [...] gosto de comer ela cozida [...], tem vitamina [...], serve para anemia [...], pra vista. [...] também gosto do chuchu cozido, chuchu serve até pra pressão alta (JOABE, 61 anos, comerciante).

[...] gostei de todos, mas o jogo da figura foi muito divertido, foi muito importante trouxe alegria (CREUZA, 56 anos, doméstica).

[...] é um aprender se divertindo” (AUGUSTO, 76 anos, aposentado)

É possível observar nesses depoimentos que, ao objetivar seu mundo, o portador de DM2 nele se reencontra com os outros e nos outros, companheiros de seu pequeno “círculo de cultura”. Apropriando-me ainda de Freire (2001), digo que se encontram e reencontram todos no mesmo mundo comum e, com intenções semelhantes no mundo, surge o diálogo que opera criticamente e promove os participantes do círculo.

Portanto, o diálogo entre a realidade e a teoria e a relação entre a teoria e os dados me permitiram definir as seguintes categorias de análise: Participação dos Sujeitos; Diálogo como Ato de Libertação; Cultura como Ação Histórica; A Fala na Construção do Saber; Saber e Aprender de Experiência.

ANALIZANDO AS VOZES DOS SUJEITOS

Apoiando-me em alguns estudiosos do assunto e trabalhando os conteúdos do cotidiano vivenciados nos círculos de cultura, procurei sistematizar essas categorias de

análise como instrumentos metodológicos em um trabalho de educação com portadores de DM2.

Nessas análises entendi que a palavra é mais do que um instrumento do diálogo; é o próprio diálogo e suas dimensões: ação e reflexão interagem e transforma o mundo.

Daí porque, para a concepção do diálogo como prática da liberdade, a dialogicidade começou não numa situação pedagógica, mas antes dela, quando alguém se pergunta em torno do que vai dialogar. Por essa razão, no momento das visitas domiciliares, iniciou-se aí a dialogicidade, buscou-se identificar, através do diálogo, o conteúdo a ser trabalhado nos círculos.

A fala dos sujeitos permeou todo o processo da pesquisa e, a cada encontro revelava que o universo da compreensão e da consciências dos sujeitos iam se ampliando.

Observa-se que a educação baseando-se no tripé **ler, escrever e contar**, tem gerado dificuldades para desenvolver o uso da fala, como elemento essencial na formação do homem orador: o homem que sabe falar, gritar e exigir seus direitos.

Nesse sentido, GADOTTI (2000, p. 118) afirma que:

[...] ao invés de um tripé teríamos de fato cinco eixos: ler, escrever, contar, ouvir e falar. Educar para ouvir é educar para intervir, para se posicionar.

A carta-manifesto (referida no 2º capítulo), elaborada e lida por um dos integrantes do grupo, traduz a importância do ato de falar para intervir, para posicionar-se:

[...] a diabetes é uma doença cara. Como podemos ter uma dieta light com um salário mínimo \$200,00 reais? Sabemos que o nosso soberano presidente FHC nos valorizou em \$200,00 reais. Cada brasileiro, para ele, que tenha faixa etária de 65 anos, caso tenha contribuído com o INSS vale somente \$200,00 reais e ainda é taxado como vagabundo. Como podemos fazer parte da família light, quando temos um salário misquinho, insignificante, quando pagamos luz, água, cartão telefônico, remédios, nunca em casa de

idosos, convive somente os cônjuges, precisamos ao menos de uma criança pra nos acompanhar. Estamos certos ou errados? Está na hora de tomarmos uma decisão certa, vamos eleger um presidente que ame os brasileiros e tenha garra. A eleição esta aí, bem pertinho.

Ass. Maria de Lourdes Vasconcelos Rocha
Não aposentada e com 74 anos

Para superar as marcas deixadas nos adultos pela educação autoritária recebida, é preciso trabalhar sua auto-estima, adquirir sua confiança.

Reportando-me à experiência vivenciada nos encontros – círculos de cultura - com portadores de DM2, posso constatar a grande dificuldade por eles apresentada em externar, através da fala, o seu pensamento, os seus sentimentos, o seu vivido em relação aos temas trabalhados, apesar de terem sido estes temas cuidadosamente selecionados a partir das próprias experiências e sugestões do grupo.

Mas, por outro lado, com gestos, sinais e interesse em participar, alguns integrantes do grupo também expressaram ou deram sentido às palavras. É um dialogo criativo sobre a vida e o mundo, por intermédio do corpo. É uma maneira de falar, de participar.

Nesse entendimento, vale a pena, também, ressaltar outras formas de expressão, como a manifestada através da arte. Essa foi a forma escolhida por um dos participantes do grupo que, usando a arte e a criatividade, expressou os seus conhecimentos e sentimentos em relação ao “lava-pés”, técnica utilizada em um dos círculos de cultura, produzindo uma talha.

Nessa perspectiva, refletindo sobre as várias maneiras de expressar a fala e na **participação dos sujeitos**, verificou-se: criação de oportunidades concretas; iniciativa, voz nas decisões, produção de conhecimento. Permitindo ao homem, a participação, ser capaz de identificar suas necessidades, planejar, implementar e avaliar sua ação.

Assim, a aprendizagem é produzida pela própria interação dos agentes de comportamentos, através da maneira como cada sujeito, pessoalmente, incorpora em si a

própria experiência da interação e seus conteúdos. Daí a importância da abordagem participativa, retratada nos seguintes depoimentos:

[...] tive participação direta, através do conhecimento desses assuntos, que vêm sendo exemplificado para que as pessoas aprendam mais (AUGUSTO, 70 anos, aposentado).

[...] eu adorei participar, porque fiz novas amizades, amanhã reconhecerei todos (LÚCIA, 52 anos, doméstica).

[...] aprender desse jeito, com o grupo [...], melhor do que sozinha viu, foi bom, mais interessante, a gente, todos reunidos. [...] é bem mais aproveitado (MARIA, 50 anos, cabeleireira).

[...] tô muito satisfeita em ter conhecido essa turma unida, tem aqueles que eu nunca tinha nem visto, hoje nós somos amigos. Eu quero continuar participando dessas reuniões porque aqui nós aprendemos (FRANCISCA, 76 anos, aposentada).

Essas falas evidenciam os resultados do processo de aprendizagem.

É isso que diz Paulo Freire (2000, p. 68), quando ensina: “ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo. Os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo.”

Nessa perspectiva, a participação envolve a criação de oportunidades concretas, em que as pessoas tomam iniciativas, participam nas decisões, tornando-se, assim, aptos a se organizarem.

Nesse sentido, Freire e Guimarães (2000, p. 27) dizem:

[...] ninguém aprende individualmente apenas. Quer dizer, nós somos seres sócio-históricos, ou seres histórico-sociais e culturais, e que, por isso mesmo, o nosso aprendizado se dá na prática geral do qual fazemos parte, na prática social.

Portanto, uma abordagem participativa de educação exige uma reorientação de atitudes e práticas para a produção do conhecimento e o redimensionamento de novas formas de organização. Exige, também, práticas dialógicas, como essa vivenciada nos círculos de cultura, bem assim o exercício da participação livre e crítica contra a passividade e para decisão.

Participação, discussão e diálogo são verdadeiros instrumentos de construção de uma educação democrática.

A convivência nos Círculos favoreceu aos portadores de DM2, a discussão sobre o seu direito de tomar parte, abrindo espaços de participação coletiva na construção de um conhecimento que, ultrapassando o senso comum, possa tornar-se instrumento de luta do povo pela libertação. Isto supõe encorajar os diabéticos a substituir, na medida do possível, a posição de objeto pela posição de sujeito da própria história.

Na concepção de Fiori (apud DAMKE 1995, p. 38), ser sujeito significa ser “capaz de assumir a responsabilidade de fazer a sua história.”

Nos depoimentos seguintes, percebe-se que os portadores de DM2 assumem a responsabilidade de fazer a sua história:

[...] eu também não exagero, eu não fumo, eu não provo em álcool, nada disso é comigo e graças a Deus deu me sinto muito satisfeito. (JOÃO, 76 anos, aposentado).

[...] eu mantenho a glicemia controlada, agora eu fiquei com cuidado cada vez mais, fazendo a minha alimentação certa, normal. (LOURDES, 74 anos, doméstica).

[...] meu pai uma noite, me chamou e disse eu quero que você, [...] tome conta da família, porque chegou meu dia, [...], eu não tinha 16 anos, mas eu tinha uma compreensão, se meu pai me chamou eu sendo um dos menores entre 8 irmãos e mais minha mãe, foi uma ordem para mim, e isto eu fiz, ele faleceu daí uns 15 dias e eu cuidei disso, vendi terreno comprei outro [...], lá fui eu com minha família para o Iguatu e lá começou logo a felicidade da minha família [...], um ano depois e com 18 anos em Fortaleza, eu já estava na Polícia e muito bem. (AUGUSTO, 76 anos, aposentado).

Analisando essas falas à luz de Damke (1995), que discorre sobre o processo do conhecimento, nas idéias dos pensadores Ernani M. Fiori, Paulo Freire e Enrique Dussel, chega-se ao entendimento de que essas falas traduzem a construção da história, sempre a partir das experiências concretas no seio dos grupos, e que as consciências se situam na intersubjetividade a partir da exterioridade.

Sendo assim, tomando como base a afirmação de que somos seres histórico-sociais e culturais, analisei cultura como ação histórica.

Muitas são as concepções de cultura encontradas em diferentes dimensões do pensamento de autores diversos:

“Cultura é o acrescentamento que o homem faz ao mundo que não fez”. “Cultura é o resultado do trabalho humano”. “Cultura é toda criação humana” (FREIRE, 1987, p. 109).

Cultura é a dinâmica de relacionamento que o indivíduo tem com o real dele, com a sua realidade [...] (TRINDADE e SODRÉ, 2000, p. 17).

Cultura é processo e produto da ação dos seres humanos em suas infra/inter/relações consigo mesmo, com os outros, com a natureza, com as divindades, [...]. Cultura é o conteúdo da construção histórica da humanidade dos seres humanos, humanizando-os ou desumanizando-os (SOUZA, 2002, p. 53 – 54).

Portanto, chego ao entendimento de que os seres humanos transformam o mundo de acordo com finalidades que se propõem, mesmo que sempre a partir de uma certa situação histórica a que “chegam”, independentemente de sua consciência.

Sendo assim, para os seres humanos, como seres da práxis, transformar o mundo, processo esse em que se transformam também, significa impregná-lo de sua presença criadora, deixando nele as marcas de seu trabalho (FREIRE, 1981).

Os depoimentos seguintes demonstram a dinâmica de relações do homem consigo mesmo, com os outros, com a natureza e com as divindades:

[...] é muito gostoso final de semana ir à praia me divertir, ir com uma turma, ter bons amigos, é demais (MARIA, 50 anos, cabeleireira).

[...] é um sentimento que a gente está vendo Jesus Cristo pregado na cruz, e que Jesus morreu pra nos salvar, e o papa é a representação dele na terra. Todos dois são muito importante, na minha vida e na vida de todos nós (AUGUSTO, 76 anos, aposentado).

[...] essa figura de um sapato, tem tudo a ver comigo, sou sapateiro, e alias tem a ver com todos, pois o calçado é muito importante na saúde, todo mundo tem que se calçar pra não pegar e nem causar moléstia [...] a saúde é o que interessa e o resto não tem pressa (LUÍS, 70 anos, aposentado).

[...] sendo diabético e zeloso pela vida, posso viver bem [...] e a vida vai acompanhando essa história (AUGUSTO, 76 anos, aposentado).

Percebe-se nessas falas toda uma aquisição sistemática da experiência como diabético e, também, a dinâmica de relacionamento que eles têm com a sua realidade – com o real deles; relações que estabelecem com os profissionais de saúde e com os próprios portadores de DM2, e com quem convivem.

A construção do diálogo entre culturas deve ser, pois, uma relação sem dominadores e sem dominados.

É essa perspectiva que me leva a crer que o diálogo é possível entre culturas diferentes ou no interior de uma mesma cultura.

No caso específico dessa pesquisa, foi através dos círculos de cultura que os portadores de DM2 tomaram consciência de seus hábitos alimentares, de seus costumes e tabus, avaliando e descobrindo formas de melhor conviver com a Diabetes.

A convivência nos círculos de cultura possibilitou aos integrantes do grupo, além da participação direta na prática educativa, iniciar uma reflexão sobre si mesmos. Percebendo-se como estão sendo, eles refazem sua percepção anterior da realidade vivida como portadores de DM2, pois alcançaram “o conhecimento do conhecimento”¹, isto é, o aprender a conhecer, que os leva ao reconhecimento dos equívocos do antigo conhecimento, ampliando, assim, o seu saber, o seu aprender a aprender a ser ao longo de toda a vida.

Estudos sobre os saberes revelam que o “sujeito conhecente” é portador de uma multiplicidade de saberes e que as condições sociais e históricas condicionam e determinam estes saberes (THERRIEN, 1997).

Ainda neste sentido, reconhece Tardif et al. in (THERRIEN, 1997), a prática educativa envolve, em princípio, o conjunto dos saberes que possui o educador, mas também envolve os saberes adquiridos e construídos no decorrer da vida cotidiana dos indivíduos envolvidos no processo educacional.

O depoimento seguinte, de um dos integrantes do grupo, permite identificar esses saberes:

[...] aprendi. Agora toda noite eu vou fazer também o exercício com o papel [...], muito importante. Eu, por exemplo, tenho problema de circulação, às vezes ficava mexendo com os pés, agora vou agir certo (JOABE, 61 anos, comerciante).

Esse depoimento evidencia que os saberes de experiência são formados de todos os saberes, mas retraduzidos na prática e nas decisões vividas, num contexto de interações e de situações diversas.

Desse modo, a compreensão do saber de experiência como uma competência prática passa pelo entendimento deste conhecimento, como sendo produto da integração do sujeito que elabora e constrói sua ação educativa (THERRIEN, 1997).

Charlot (2001, p. 17) compartilha, também, dessa mesma concepção, quando transcreve que

[...] só há saber em uma certa relação com o saber, só há aprender em uma certa relação com o aprender. Isso significa que não se pode definir o saber, o aprender, sem definir, ao mesmo tempo, uma certa relação com o saber, com o aprender (e também com o tipo de saber ou de aprender). Significa, ainda, que não se pode ter acesso a um saber ou, mais genericamente, aprender, se, ao mesmo tempo, não entrar nas relações que supõem (e desenvolvem) este saber, este aprender.

Portanto, tomando por base essa concepção, posso afirmar ,que o grupo de portadores de DM2, participantes dos círculos de cultura, construíram “um saber”, “um aprender”, pois, estavam motivados e envolvidos diretamente com a aprendizagem (assunto/temas), além de terem participado efetivamente da construção do conhecimento.

O “aprender” está presente, também, no Relatório da UNESCO para a educação do Século XXI – Relatório Jacques Delors (1998, p. 89 – 90, apud ROMÃO, 2002, p. 99 – 100), que estabelece quatro pilares do conhecimento:

[...] **aprender a conhecer**, isto é, adquirir os instrumentos da compreensão, **aprender a fazer**, para poder agir sobre o meio envolvente, **aprender a viver juntos**, a fim de participar e cooperar com os outros em todas as atividades humanas; finalmente, **aprender a ser**, via essencial que integra os precedentes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É sempre importante retomar a problemática que estimulou a desenvolver o estudo que foram as observações realizadas em minha trajetória profissional que me levaram a constatar que os portadores de DM, além dos conhecimentos insuficientes e confusos sobre a doença e o tratamento, assumiam atitudes de desmotivação e desinteresse em relação à nova situação de vida.

A partir daí veio a necessidade de realizar a pesquisa com educação popular em saúde, em que os portadores de DM, participando de círculos de cultura, a partir de suas próprias experiências de vida fossem ensinando e aprendendo na vivência de um processo educativo na dialogicidade. Com base nos princípios da educação libertadora de Freire, as ações pedagógicas encaminharam-se na perspectiva de superação das concepções tradicionais, puramente técnicas que, historicamente, subsidiam a aprendizagem.

A análise sobre os significados que os portadores de DM2 atribuíram às aprendizagens desenvolvidas no processo educativo (intervenção participativa com círculos de cultura) revela mudanças significativas de hábitos, costumes e posturas no cotidiano de suas vidas.

Os resultados da investigação evidenciam que:

- Foram significativas as atividades – temas trabalhados na participação e no diálogo nos círculos de cultura, a partir da experiência, criatividade e integração dos sujeitos.
- A qualidade do relacionamento dos portadores de DM2 entre si e deles com a pesquisadora-animadora conduz à conclusão de que foi importante para os diabéticos o desenvolvimento de atividades pedagógicas que vivenciaram a afetividade entre o grupo. Nesse aspecto, o processo educativo trabalhado contribuiu para elevar a auto-estima dos portadores de DM2 pela superação do estigma de ser “doente” e pela partilha de relações que valorizaram as experiências e saberes do indivíduo.
- Nos seus depoimentos, a leitura da Bíblia representou para a maioria dos componentes do grupo, em especial para os evangélicos, um estímulo no caminhar como diabético.

- Em grande parte, as situações constatadas referiram-se aos significados voltados à elevação da auto-estima, à afetividade e à convivência em grupo (tão necessária ao portador de DM), ou seja, aos aspectos ligados à subjetividade humana, fundamentais para construir a compreensão e a conscientização dos sujeitos.
- A construção de formas de convivência com a Diabetes, partindo do “conhecimento do conhecido”, tomando consciência de si, para redescobrir-se conscientizado, levou-os a uma tomada de atitude frente à Diabetes.
- Ao descobrirem-se “sabidos”, revelam-se confiantes e fortes para o enfrentamento de situações.
- O despertar para o aprender sobre a doença, sobre o que sente, deve ser facilitado pelos profissionais, numa forma dialógica.
- O interagir para conhecer ajuda a “tocar a vida”, no dizer de um dos participantes.
- O desconhecimento e pouca compreensão do que os portadores de DM2 sentem limitam o seu viver.

Diante disso, considero que a pesquisa, além do enriquecimento da minha prática profissional, contribui também como subsídio para o trabalho nos ambulatórios com uma nova metodologia em que os profissionais saibam lidar com dialogicidade e abertura na orientação dos portadores de DM2.

Claro que para isso é necessário que se repense, também, o processo de capacitação dos profissionais, que se invista na formação da equipe na direção do profissional reflexivo e interativo. Somente esse tipo de profissional poderá ter uma nova postura, uma atuação crítica e humana capaz de levar os portadores de DM a uma nova forma de vida.

Vale ressaltar, ainda, a importância desta pesquisa com educação popular em saúde, pois, a partir dela, podemos constatar a validade das relações dialógicas nos serviços de saúde, como instrumento fundamental na construção de uma metodologia de trabalho que priorize o compromisso com a totalidade do ser e o diálogo entre o saber popular e o saber científico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é método Paulo Freire**. São Paulo: Nova Cultura; Brasiliense, 1984.

CHARLOT, Bernard. (org.). et. al. **Os Jovens e o Saber: perspectivas mundiais**. Tradução: Fátima Murard. Porto Alegre, R.S.: Artmed Editora, 2001.

DAMKE, Ilda Righi. **O Processo do Conhecimento na Pedagogia da Libertação: as idéias de Freire, Fiori e Dussel**. Petrópolis, R.J.: Vozes, 1995.

DELORS, Jacques (coord). **Educação: um tesouro a descobrir**. 6.ed., São Paulo: Cortez; Brasília, DF: MEC: UNESCO, 2001.

FALS BORDA, Orolando. Aspectos Teóricos da Pesquisa Participante: considerações sobre o significado e o papel da ciência na participação popular. In BRANDÃO, C. R. (org.) **Pesquisa Participante**. 7.ed., R.J.: São Paulo; Brasiliense, 1988.

_____, Paulo. **Ação cultural para a liberdade**. 5.ed., RJ: Paz e Terra, 1981. 149 p.

_____, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 14.ed., RJ: Paz e Terra, 1987.

_____, Paulo. **Educação e Mudanças**. Tradução de: Moacir Gadotti e Lilian L. Martins. RJ: Paz e Terra, 1979, 2002. Coleção: Educação e Comunicação. Vol. 1.

_____, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 31.ed., RJ: Paz e Terra, 2001a.

_____, Paulo. **Extensão ou Comunicação?** Tradução de Rosisca Darcy de Oliveira. 11.ed., RJ: Paz e Terra, 2001b. 93 p.

FREIRE, Paulo; GUIMARÃES, Sérgio. **Aprendendo com a própria história – II**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

FURTADO, Eliane; FURTADO, Ribamar. **A Intervenção Participativa dos Atores – INPA: uma metodologia de capacitação para o desenvolvimento local sustentável**. Brasília. Instituto Interamericano de Cooperação para a Agricultura (IICA), 2000.

GADOTTI, M.; FREIRE, Paulo; GUIMARÃES, Sérgio. **Pedagogia: diálogo e conflito**. 5.ed., São Paulo: Cortez, 2000.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo: Atlas, 1991.

ROMÃO, J. Eustáquio. **Pedagogia Dialógica**. São Paulo: Cortez/IPF, 2002.

SOUZA, João F. de. **Atualidade de Paulo Freire**: contribuição ao debate sobre a educação na diversidade cultural. São Paulo: Cortez, 2002. (Biblioteca freiriana; V.3).

TERRIEN, Jacques. **Saber da Experiência, Identidade e Competência Profissional**: como os docentes produzem sua profissão. **Contexto & Educação**, 1997.

TRINDADE, Azoilda L. da.; SODRÉ, Muniz. Cultura, Diversidade Cultural e Educação in

TRINDADE, Azoilda L. da; SANTOS, Rafael dos. (orgs.) et al. **Multiculturalismo**: mil e uma faces da escola. 2.ed. RJ: DP & A, 2000. 160p.